

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO: DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

Daniela Queiroz Campos¹

Resumo: As *Garotas* do Alceu circularam semanalmente durante ininterruptos 27 anos naquela que fora a grande revista brasileira de outrora – *O Cruzeiro* (1928-1975). Ilustradas por Alceu Penna, a coluna de *pin-ups* pode ser considerada a primeira coluna do gênero ilustrativo em nível nacional. O presente artigo pretende tecer suas tramas narrativas sobre as imagens e os textos que compreendiam aquelas duas páginas semanais em formato tabloide. O gênero ilustrativo de *pin-up* é problematizado através de sua circulação de massa em revistas norte-americanas e sua popularidade durante a Segunda Guerra Mundial. A rotatividade dos temas abordados pela *pin-ups* de Alceu Penna nos faz percebê-la como uma coluna de comportamento e de humor. Enfim, este pequeno artigo busca narrar sobre imagens, textos, temas e trajetória de uma coluna de bonecas que divertiu e fez sonhar gerações de brasileiros de meados do século XX.

Palavras-chave: revista; *pin-up*; imagem; arte gráfica;

THE GIRLS OF ALCEU, THE GIRLS OF O CRUZEIRO: ABOUT THE COLUMN, THE IMAGES AND THE TEXTS

Abstract: The *Garotas do Alceu* (The girls of Alceu) circulated weekly during 27 uninterrupted years in the great Brazilian magazine of yore – *O Cruzeiro* (1928-1975). Illustrated by Alceu Penna, one can consider his *pin-ups*' column the first of the illustrative genre in Brazil. This article aims to produce a narrative over images and texts which were part of those two weekly pages in tabloid format. The paper discusses the illustrative *pin-up* style considering the mass circulation in American magazines and its popularity during World War II. The turnover of the topics covered by the *pin-ups* of Alceu Penna presents the column as a behavior and humor column. Finally, it also aims to deal with images, texts, themes and trajectory of the doll column that amused and enchanted different generations of Brazilians during the mid-twentieth century.

Keywords: magazine; *pin-up*; image; graphic art;

¹ Pós-doutoranda pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris sob a orientação do Prof. Georges Didi-Huberman, com bolsa do programa Ciências sem Fronteiras (CNPq). Doutora em História pela UFSC (2014). O presente artigo aborda um objeto de estudo com o qual a pesquisadora lida desde a iniciação científica, como parte integrante do projeto de pesquisa Saberes Impressos, coordenado pela Profa. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC). A segunda etapa da investigação correspondeu à dissertação de mestrado defendida na PUCRS, “Espectros de anos dourados: imagem, arte, gráfica e civilidade na coluna Garotas”, sob a orientação da Profa. Maria Lúcia Bastos Kern. E, por fim, a tese doutoral “Entre o anacronismo e o eucronismo: percepções da imagem na coluna Garotas” orientada pela Profa. Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC), fechou oito anos de pesquisa acerca da coluna Garotas do Alceu.

Do criador – o ilustrador Alceu Penna

[...] Nós éramos os namorados das Garotas do Alceu.
Nós as tínhamos *under our skins*.

Nos amávamos as Garotas do Alceu.

Durante anos, todas as moças bonitas deste país – dos fins de tarde nas calçadas da Praia de Icaraí, em Niterói, e das filas do Cine Metro, no Rio, aos footings das pracinhas do interior – se penteavam, se sentavam, gesticulavam, sorriam e se vestiam como as Garotas do Alceu.

E nos encantavam e nos faziam sonhar. Tanto que, muitos de nós – quase todos os que se casaram naquela época – nos tornamos, um pouco genros do Alceu.

Nós conversávamos nos bancos das praças, passeávamos pelas calçadas, beijávamos no cinema e dançávamos nas nossas festinhas, ao som da nossa canção. E depois, ganhávamos de presente um caderno com todas as letras das músicas de sucesso, com a nossa canção abrindo a coleção, fosse ela um bolero de Gregório Barrios ou um fox de Nat King Cole.

Fazer o que a televisão faz hoje, em escala cósmica, era um trabalho quase impossível para um desenhista só, mesmo numa revista que, à época, significava para o Brasil o que a TV Globo, por exemplo, significa nos tempos de agora. Mesmo porque, a mensagem impressa não tem nem a velocidade nem o impacto da mensagem eletrônica. O que aumenta os méritos da obra de Alceu Penna como ilustrador e figurinista.

Suas meninas de olhos expressivos, de gestos delicados e cheios de graça, de cinturas finas, de longos cabelos e de saias rodadas, cujo tecido era informado com duas ou três pinceladas - a gente sabia se era seda ou algodão - eram tão fortes que, me parece, os leitores conviviam com elas como se convive com um ser vivo: ninguém fica perguntando quem é o pai da criança.

Elas tinham vida própria, e tanta que Alceu desaparecia por trás delas. De resto, Alceu Penna era um homem calmo e retraído, doce e sereno, doméstico, não gostava de aparecer. E, muito cedo, tão logo o sucesso da revista *O Cruzeiro* começou a se esvanecer, ele foi sendo esquecido (ZIRALDO, 1983).

Começo falando de Alceu Penna². Ele não foi o mentor da criatura, mas foi seu “pai”. Alceu Penna era considerado o pai das *Garotas* – e, apesar de não ter sido seu

² O desenhista nasceu no dia 1º de janeiro de 1915, na pequena cidade mineira de Curvelo. Aos 11 anos, foi estudar no Colégio Interno Santo Antônio, em São João Del Rei. Segundo Gonçalo Junior, em seu livro *Alceu Penna e as garotas do Brasil: moda e imprensa – 1933/1980*, desde pequeno, Alceu apresentava o gosto pelo desenho. Com seus vizinhos em Curvelo, o dentista Amedet Peret e sua esposa, o menino aprendeu os primeiros rudimentos do manuseio de pincéis e de como combinar tintas para fazer aquarelas. São esses

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

mentor, foi ele que deu forma e vida à ideia de Accioly Netto. Tudo começou quando, em 1932, Alceu Penna chegou na antiga capital da República, para estudar na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O jovem pretendia cursar Artes Plásticas, mas por reprovação familiar acaba prestando vestibular para Arquitetura. Dentro da Escola de Belas Artes frequentou muitas aulas dos cursos de artes, a Arquitetura jamais foi concluída ou exercida por Penna. Ainda em sua chegada na cidade do Rio de Janeiro o jovem começou a procurar trabalho. Visitou muitos jornais e revistas até que conseguiu seu primeiro emprego no conhecido *O Jornal* – cujo proprietário era Assis Chateaubriand. Foi na redação de *O Jornal*, parte do grupo *Diários Associados*, que Alceu conheceu Antônio Accioly Netto, então secretário de redação de *O Cruzeiro*. Accioly Netto se tornaria amigo pessoal e padrinho de Alceu dentro do grupo liderado por Chateaubriand (NETTO, 1998).

A colaboração iniciada naquele ano nos periódicos de Assis Chateaubriand perduraria décadas. Alceu Penna começava a desenhar para a revista *O Cruzeiro*, fazendo algumas capas e também matérias. Naquele momento, o desenhista frequentava regularmente a Cinelândia e iniciou alguns trabalhos nos Cassinos da Urca – onde fazia ilustrações em menus, cartazes e cenários (GONÇALO, 2005). Após algum tempo, já começou a fazer fantasias e figurinos. No ano de 1935, uma de suas fantasias venceu o concurso de Carnaval realizado pelo Departamento de Turismo da cidade do Rio de Janeiro, o que o fez reconhecido também como figurinista. Na década de 1930, ele começou a desenhar muitas publicações de histórias em quadrinhos, principalmente no jornal *O Globo*. “Entre 1937 e 1938 ilustrou para *O Globo Juvenil*, propriedade de Roberto Marinho, adaptações de obras como *O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde, juntamente com Nelson Rodrigues, além de *Rei Arthur*, *Alice no País das Maravilhas*, entre outros” (PENNA, 2007: 47).

mesmos vizinhos que descobrem o daltonismo de Alceu. Aos 16 anos, Alceu perdeu o pai, e sua família começou a passar por uma crise financeira. Um ano após a morte do pai, Alceu chegou ao Rio de Janeiro, onde passou a morar com seu primo Alexandre e Maria Isabel, sua esposa. Alceu viveu por bastante tempo na casa de seus parentes, no início localizada na Rua Voluntários da Pátria e depois, na rua Visconde de Ouro Preto, ambas no bairro do Botafogo. Na cidade, iniciou o curso superior de Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, que abandonaria no ano de 1937. A escolha do curso foi um meio termo encontrado por Alceu entre a vontade de seu pai e a sua. Durante 5 anos ele cursou Arquitetura, mas sempre frequentando como ouvinte o curso de Artes Plásticas.

Da coisa – *pin-ups* “a expressão da vida moderna”

Através de suas *Garotas* Alceu Penna tornou-se desenhista reconhecido pelo grande público. Dentre os vários trabalhos por ele realizados sua coluna de *pin-ups* fora o que alcançara maior destaque. As bonecas traçadas por ele circularam por décadas naquela que fora a grande revista nacional de outrora. Antes mesmo de ser lançada a coluna já causava furor dentro dos *Associados*. Jornais cariocas e paulistas da rede dos *Diários Associados* traziam dizeres que já anunciavam a nova coluna que pretendia ser mais um dos “hits” daquela revista que dizia acompanhar o ‘ritmo da vida moderna. “As Garotas’ são a expressão da vida moderna. ‘As Garotas’, endiabradas e irrequietas, serão apresentadas todas as semanas em O Cruzeiro, desenhadas por Alceu, o mais malicioso e jovem de nossos artistas. (O JORNAL, 1938).

Estávamos ainda no início dos anos 30 e eu, encantado com as figuras femininas de *The Saturday Evening Post*, chamadas Gibson Girls, fui certo dia procurá-lo em seu modesto apartamento da Rua das Marrecas, na Lapa. Sugeriu que ele fizesse alguma coisa semelhante e duas semanas depois ele me procurou, mostrando-me um desenho muito original. Eram vários grupos de lindas mocinhas, vestidas na última moda, conversando. O texto na forma de diálogo e destinado ao público juvenil, deveria ser escrito por um humorista malicioso. Fiquei encantado com o projeto (NETTO, 1998: 125).

As *Gibson Girls* eram desenhadas pelo ilustrador inglês Charles Dana Gibson (1867-1944) no final do século XIX e no início do século XX, para o periódico norte-americano *The Saturday Evening Post* (BUSZEK, 2006). As meninas *Gibson* eram consideradas mulheres modernas e personificavam um ideal feminino de beleza na época. Accioly Netto, no ano de 1938, encomendou a Alceu Penna a criação de figuras femininas semelhantes às *Gibson Girls*. A partir das bonecas do *The Saturday Evening Post*, Penna deu forma e vida à coluna de *pin-ups*³ da revista *O Cruzeiro*.

As imagens impressas em cartões-postais franceses e alemães da segunda metade do século XIX são consideradas as primeiras a apresentarem elementos de *pin-ups*. Nos desenhos de Raphael Kirchner para a revista *La vie Parisienne* também são visíveis o aparecimento dessas características que aos poucos apresentam-se mais intensas nas ilustrações de calendários. Nos cartazes de Toulouse-Lautrec, impressos em litografia no século XIX, já existe a imagem de uma mulher em pose sensual. Ainda no final do século XIX, elas chegam aos Estados Unidos da América, e no início do século XX, começam a

³ “Pin-ups” quer dizer literalmente garota colada na parede.

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

brilhar nas páginas de revistas estadunidenses, transformando-se em um ícone do desenvolvimentismo americano. Tornaram-se muito populares principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, sendo consideradas um marco na imprensa do século XX. Foram muitos os ilustradores americanos que se consagraram com suas *pin-ups*, como Charles Dana Gibson, Georges Petty (1894-1975), Alberto Vargas (1896-1982). Alberto Vargas fora considerado o substituto de Petty na renomada revista norte-americana *Esquire*. As “Garotas Petty”, e posteriormente as “Garotas Vargas”, já no início da década de 1940, eram as ilustrações de nu artístico mais famosas dos Estados Unidos da América. De tão afamadas pelas páginas da *Esquire*, as *Vargas Girls* passaram a circular na revista masculina americana *Playboy* do ano de 1957 até 1978.

Foram numerosos os periódicos norte-americanos que circularam com imagens de *pin-ups*, dentre muitos destacam-se: *The Saturday Evening Post*, *Esquire*, *Playboy*. As bonecas, ora ilustradas, ora fotografadas mostraram-se onipresentes na imprensa do século XX. Sobretudo, durante a Segunda Guerra a produção de imagens de *pin-ups* transformou-se em uma indústria crescente e consolidada.

A construção de um corpo erótico que saíria do mundo da prostituição e alcançaria o mundo dos leitores de revistas. O corpo carnal do cabaré, ao corpo de tinta e papel da fotografia ou da ilustração. Uma imagem de fetiche. De humor ligeiro e apelo sexual inocente. “*Produite en masse dans une perceptive d’erotisme universel, la pin-up induit peut-être une uniformisation du désir*” (FAVRE, 2012: 243)⁴. A ilustração consiste na imagem de uma mulher jovem, fresca, simpática e sedutora. Era uma beleza quase simples, popular e universal. “*La pin-up est une fille simple, saine, au visage presque enfantin. Moe séductrice, grands yeux écarquillés, sex-appeal à son insu, poses suggestives sans appel à la débauche: la pin-up est sexy mais chaste*” (FAVRE, 2012: 239)⁵. Uma apresentação idealizada de mulher com normas corporais bastante precisas: cintura fina, seios arredondados, longas pernas, bumbum empinado.

A imprensa não demorou a perceber a imagem da *pin-up* como uma espécie de válvula de escape para os soldados. Aqueles homens de guerra eram separados de suas

⁴ “Produzida em massa em uma perspectiva do erotismo universal, a pin-up induz provavelmente uma uniformização do desejo” (tradução nossa).

⁵ “A pin-up é uma menina simples, saudável, com o rosto quase infantil. Biquinho sedutor, grandes olhos arregalados, sex-appeal quase sem querer, poses sugestivas sem cair no deboche: a pin-up é sexy, mas casta” (tradução nossa).

esposas, namoradas, amantes. Camille Favre (2007) aponta que o humor e a leveza daquelas imagens permitiam uma excitação sem culpa por parte de seus espectadores, era um convite sexual quase inocente, inseto de qualquer culpabilidade. Assim, o exército americano acreditava que ao menos protegia suas tropas contra a homossexualidade, dando tranquilidade à virilidade e à sexualidade daqueles heróis de guerra: “(...) *des images de femmes dans les revues est prise au plus haut niveau, par les chefs d'état-major et par le secrétaire d'État à la guerre. Les états-majors les considèrent comme des instruments essentiels au maintien du moral des troupes*” (FAVRE, 2012: 244)⁶. De tal feita que, de 1942 a 1946, foram distribuídos gratuitamente às tropas americanas cerca de 9 milhões de exemplares da revistas *Esquire*.

Sabemos que estas imagens multiplicaram-se, inicialmente e primordialmente durante a guerra. Daniel Arasse também menciona a ajuda que aquelas imagens deram aos militares durante a Segunda Grande Guerra. Para Arasse, as *pin-ups* remediaram a abstinência sexual forçada daqueles tantos homens. “*Je ne sais plus qui avait dit de la masturbation que c'était 'la main au secours de l'esprit'*” . (ARASSE, 2013: 46)⁷. Segundo o historiador da arte francês, estas imagens ainda são visíveis em borracharias e em oficinas mecânicas. As imagens femininas ainda acompanham homens forçadamente solitários em suas longas jornadas, seja ele um soldado na guerra ou um caminhoneiro em sua rota. A *pin-up* sempre esteve envolta neste mundo, quase presa a ele, a estes olhares masculinos. Ela se construiu para isso. Fez-se imagem com isto. Ela estampou cartazes de refrigerantes, reclames publicitários, maços de cigarros, narizes de aviões, colunas de revistas.

Multiplicaram-se com a velocidade e com a técnica daquela imprensa periódica que, na época, crescia a todo vapor e disseminaram-se por todo o mundo. A coluna *Garotas* tem justamente o intuito de trazer para as páginas da revista *O Cruzeiro* o humor, o charme e a beleza das bonecas que recheavam as revistas americanas da época.

“A *pin-up* é um pôster de mulher. Este tipo particular de ilustração pertence ao já volumoso grupo das artes-gráficas ainda não reconhecidas pela crítica oficial e por isso

⁶“(...) imagens de mulheres nas revistas são consideradas no mais alto nível por parte dos chefes do estado-maior e pelo secretário do Estado na guerra. Os estados-maiores as consideravam como instrumentos essenciais para a manutenção da moral das tropas”.

⁷“Eu não sei mais o que havia dito em relação à masturbação que era ‘a mão ao socorro do espírito’”.

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

carente de definições objetivas e corretas” (PIPER, 1976: 9). Para o pesquisador o termo *pin-up* designa tanto o tipo de gravura de figura feminina, como o cartaz propriamente dito – seu mais consolidado meio de circulação. A figura feminina em si caracteriza-se por ser a imagem de “(...) uma garota com apreciáveis dotes físicos, apresentados com maior ou menor explicitação, numa pose intencional que visa incitar e excitar o espectador masculino (PIPER, 1976: 9).

Para Rudolf Piper trata-se de uma “arte” importada tardiamente para o Brasil. No livro *Garotas de papel: História da pin-up brasileira em 170 ilustrações* o autor assinala características de *pin-ups* já na primeira capa da revista *O Cruzeiro*. As ilustrações de Alceu Penna não foram contempladas na narrativa de seu livro, todavia, constam na tabela no final de sua obra. Piper escreve principalmente acerca de *pin-ups* fotografadas, como por exemplo as capas de revistas como *A Cena Muda*, *Cinearte*, *Cinelândia*, *Cinefan*. A princípio as ditas *pin-ups* estavam mais presas ao seu suporte material preferencial, os cartazes. Ao longo de décadas começam a ganhar espaço em revistas. A revista *Life* foi a pioneira em presentear seus leitores com pôsteres desenhados pelo famoso Gibson. A revista *O Cruzeiro*, desde 1928, trouxe *pin-ups* em suas capas, as quais, em 1933, passam a ser desenhadas por Alceu Penna. No ano de 1938 as *Garotas* tornaram personagens de uma coluna da revista semanal. Se as *Garotas do Alceu* não foram as primeiras imagens de *pin-ups* na revista *O Cruzeiro*, foram a primeira coluna ilustrada exclusivamente com *pin-ups* em revistas de variedades do Brasil.

Da Criatura – *Garotas do Alceu, Garotas de O Cruzeiro*

A coluna intitulada *Garotas da Praia* foi publicada no exemplar da revista *O Cruzeiro* de 19 de novembro de 1938, número 3 do ano XI. A primeira edição d’*As Garotas* teve desenhos e textos de Alceu Penna. O primeiro número da coluna impresso em papel *couché* em três cores – branco, vermelho e preto – ocupava duas páginas da revista. Trazia desenhos e textos a eles vinculados como ocorreria até findar sua circulação. As páginas apresentavam ilustrações de nove bonecas traçadas com bastante sensualidade, três delas vestindo maiôs de duas peças, o que à época era bastante provocador. As historietas tratavam da vida cotidiana de jovens mulheres de classes média e alta, urbanas e

alfabetizadas. Traziam com um tom de humor, que não chegava a ser sarcástico, o diálogo destas garotas com outras garotas e com alguns rapazes.

Phrases e potins que o repórter ouviu, domingo último, em Copacabana, do posto 1 ao posto 6, principalmente no posto 2 1/2...

- Não elogiaste ainda meu maillot novo, Alfredo!
- Mas... se ainda não consegui vê-lo!

Trata-se de uma questão de pura *physica*. Nosso valor mede-se por linhas, rectas ou curvas. O delles aquilata-se pelo volume das massas que possuem, em notas ou em cheques.

- Não tens razão Fred! Ela é até muito franca. Franca demais, mesmo. Não esconde nada!

- Elegância praieira? Um problema de *mathematica* – “está na razão inversa de emprego de tecido e na razão directa de superfície que deixa ver”...

- Olhe, depois vá dizer que não sou econômica! Fiz um bello maillot e mais este lenço para a cabeça com meio metro de seda!

- E ainda apagam os funcionários do serviço de *sauvage*!
- Você não diria isso se mamãe se afogasse! (PENNA, 1938: 16-17).



Imagem 1 – *Garotas da Praia*. Revista *O Cruzeiro* 19 de novembro de 1938, ano XI, nº 3, p.16 e 17. Acervo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – São Paulo/SP.

O enredo gira em torno dos pequenos trajes e dos dotes físicos das bonecas de Penna. Nos versos da coluna constam colocações e diálogos entre os personagens ilustrados. Entre as bonecas destacam-se maiôs, chapéus, lenços, sandálias. A coluna

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

também se tornou conhecida pela disseminação das tendências de moda pelo ilustrador que também consagrou-se como figurinista.

Aquelas eram as *Garotas do velho Rio*, embora possível visualizar constante referência de *Garotas* de outros locais, bem como de outras temporalidades. Os locais de sociabilidade frequentados pelas personagens, assim como as inúmeras referências bibliográficas, levam-nos a crer que elas eram, de maneira geral, *Garotas* cariocas. O cenário preferencial das personagens da coluna era a cidade do Rio de Janeiro, destacando-se a praia de Copacabana.

O Rio de Janeiro, que ao longo da trajetória das *Garotas* do Alceu, deixou de ser o centro econômico do país – perdendo o posto para a cidade de São Paulo – e a capital da República brasileira – transferida para Brasília. Mas o Rio de Janeiro não deixava de ser a capital cultural. Além do mais, as próprias personagens de Alceu Penna contribuíram para essa visão da cidade. Visto por sua coluna, o Rio era, além disso tudo, a cidade das mais belas jovens mulheres do Brasil, quiçá do mundo.

Alceu contribuiu para consagrar a figura da beleza da mulher carioca por meio de suas sensuais *pin-ups*. Pelas páginas de *O Cruzeiro*, o país botou na cabeça que, além de metrópole e centro gerador de cultura, hábitos e modismos, o Rio tem também as mulheres mais bonitas (GONÇALO, 2014: 14).

No Rio de Janeiro fundiam-se as principais atividades culturais do país, no momento em que se consolidava a formação de um mercado cultural⁸. Naquela cidade, estavam estabelecidas as principais editoras, sede de rádios, revistas e televisão. Eram apresentados os mais conhecidos espetáculos, peças de teatros, desfiles. O Rio era a cidade mais divulgada do país, a cidade mais vista do território nacional. “O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo, os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições funcionais que articulam a modernidade com uma experiência existencial e íntima” (SEVCENKO, 1998: 522).

⁸ No período pesquisado, segundo Renato Ortiz, visualiza-se a consolidação de um mercado cultural. Nesse momento desenvolve-se um maior interesse pela temática da sociedade de massa. Segundo o cientista político o Brasil desses anos, 1945 a 1964, realmente vive um processo de renovação cultural. O crescimento da classe média e a concentração da população em grandes centros urbanos vão permitir a criação desse espaço cultural onde bens simbólicos passam a ser consumidos por um público cada vez maior. A partir da década de 1960 o desenvolvimento do capitalismo e da crescente industrialização acarretou o aparecimento de uma indústria de bens culturais no Brasil (ORTIZ, 1980: 81).

Para além da cidade do Rio de Janeiro, o homem e a mulher carioca também constituíam vitrine daquela modernidade. Nas páginas de “O Cruzeiro” estavam impressas as principais festas e bailes da cidade. A sociedade carioca ditava modas para o restante do Brasil.

As cariocas de classe média e alta, nesta época, acompanhavam (e inventavam) a moda e eram consideradas mais atrevidas e liberadas que as de outras regiões do país – a vida nas praias (*onde o amor é mais livre*), o contato com os estrangeiros, os recursos e atividades da metrópole, então capital do país, contribuíram para comportamento e modos de pensar diferenciados. Estas garotas cariocas serviram de modelo às garotas de revistas (BASSANEZI, 1995: 246).

As cariocas eram consideradas as mais ousadas. Um ponto que diferenciava bastante a representação da vida cotidiana destas em comparação com a vida levada pelas paulistas era a questão climática. Segundo Cristina Meneguello, a representação da carioca estava diretamente associada à praia, ao sol, ao mar. Já a da paulista estava atrelada ao frio, à vida corrida da metrópole. Essas questões “contaminavam” a representação das relações. “Podia-se contar com charges de revistas da época enfatizando a distinção entre o namoro das cariocas, repleto de beijos, e o namoro das paulistas, com namoros sentados em bancos de praças tiritando de frio” (MENEGUELLO, 1996: 48).

Jurandir Malerba (2000) destaca a consolidação do Rio de Janeiro como principal centro social do país, uma vez que ditava as normas sociais de conduta desde a chegada da família real portuguesa, em 1808. “Além do incremento do comércio, a vinda da Corte portuguesa promoveu a europeização do Rio de Janeiro, o que criou novas experiências para a “boa sociedade” (RAINHO, 2002: 57).

Uma mescla de condutas e costumes é estampada nas ilustrações e nos textos da coluna *Garotas*. Ao analisar a variedade de temas que a coluna abordou, é notável a presença de costumes ainda muito afrancesados, mas também já existe a marcante presença norte-americana, bem como a consolidação e a impressão de valores e costumes mais tupiniquins e principalmente cariocas.

Da circulação - uma história em 1269 colunas

Somou-se um montante expressivo de páginas em 27 anos de circulação. Ao todo foram 1269 as colunas *Garotas* editadas na revista *O Cruzeiro*. Com edição iniciada em 19 de novembro de 1938 e encerrada em 29 de agosto de 1964, ela apresentava-se como uma constante nas páginas da revista. Foram poucos os números de *O Cruzeiro* durante esse período que não contiveram em suas páginas as *polianas* de Alceu Penna. Dentre as 1313 edições das revistas que foram rodadas durante o período da coluna, apenas 50 não contaram com as *Garotas*. Os motivos para tal ausência nessas 50 edições foram diversos. Contudo, podemos apontar como principal motivo as viagens ao estrangeiro realizadas por Alceu Penna, que ocasionaram a impossibilidade de feitura ou mesmo de envio das colunas por seu desenhista. Torna-se importante destacar que mesmo durante longas viagens empreendidas por Alceu Penna, para os Estados Unidos da América e para a Europa, as colunas circularam. Com menor regularidade e algumas faltas, mas as bonecas estavam lá, mostravam um pouco de Nova York e contavam das experiências em Paris ou Roma.

Elas contavam e mostravam, sobretudo, a vida nas cidades. As *Garotas* do Alceu eram *Garotas* urbanas. Dentre risos e traços pode-se perceber que a coluna contemplava a vida cotidiana de uma jovem mulher urbana de classe média e alta, alfabetizada. As personagens criadas por Alceu frequentavam novos lugares de sociabilidade nas cidades brasileiras de meados do século XX, como praias, clubes, bailes, cinemas. As grandes cidades brasileiras daquela época viram esses espaços de sociabilidade serem transformados e ressignificados, o lazer dos jovens possibilitou um maior contato com o sexo oposto, e com ele a maior prática do flerte. O século XX foi marcado por um processo de urbanização e industrialização e uma sensação de modernidade. Essas mudanças começaram a reverberar no padrão de comportamento de homens e mulheres e, por conseguinte, nos impressos lidos e produzidos por eles, dentre os quais a coluna pesquisada.

Pelos inúmeros relatos sobre a coluna *Garotas* torna-se perceptível sua popularidade. “Em pouco tempo, ‘As garotas’ se transformaram em verdadeira coqueluche, ditando modas e costumes para milhares e milhares de leitoras em todo o Brasil. O sucesso foi tamanho que ‘As garotas’ acabaram permanecendo nas páginas de *O Cruzeiro* durante nada menos que 28 anos” (NETTO, 1998: 126). Ao longo de sua circulação a coluna

apresentou-se em duas diferentes secções do sumário da antiga revista *O Cruzeiro*: primeiramente na secção de humor e nos últimos anos na secção para jovens.

Grosso modo, a coluna abordava como tema central o comportamento; logo, situa-se as *Garotas* como coluna de humor e comportamento. Nas 1269 colunas editadas encontramos *Garotas* falando de *Garotas*, e de garotos, fazendo compras, arrumando a bolsa, enfim, vivendo o dia-a-dia de uma jovem de classe média e alta, urbana. Elas frequentavam festas, geralmente bailes, aos quais muitas vezes iam desacompanhadas de adultos, o que era condenado por muitas revistas femininas. Temas políticos também foram discutidos, entre eles a mudança da capital federal para Brasília, eleições, entre outros. As percepções de outras temporalidades também ilustraram as colunas; naquelas as *Garotas* das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960 comparavam seu comportamento e sua conduta com a geração de suas avós, de suas mães e até com a geração de “*Garotas* de 2 mil anos atrás”.

Essas 1269 histórias narradas e vividas pelas personagens de Alceu Penna muitas vezes tiveram seu enredo, se não repetidos, muitíssimo aproximados. Nos meses de dezembro, principalmente em seu final, eram veiculadas colunas sobre o Natal e o Ano Novo. Já em 1938, a coluna se intitulava “Papai Noel e as *Garotas*”. Os enredos eram presentes, árvores de natal e na maioria das vezes, o Papai Noel. Os próprios títulos se repetiam: o enredo natalino de 1938 fora também publicado nos anos de 1943, 1946 e 1947. Os presentes, as árvores de Natal e o Papai Noel eram seguidos pelas colunas de Ano Novo. Os réveillons eram embebidos em muito champanhe e planos para o ano seguinte. De casamento a dietas, naquelas páginas que fechavam o ano, as bonecas festejavam, bebiam e articulavam os episódios seguintes.

Nos meses de verão, saíam muitas colunas sobre praia, banho de sol e mar, que passam a ter novos significados e transformam-se em práticas sociais, tornando-se um símbolo do homem civilizado já na primeira década do século XX (FORNAZARI, 2001: 44). O bronzeado também é um fator mencionado na coluna.

O Carnaval sempre estava estampado em meio a fantasia e cores nas páginas de Alceu Penna. Foram incontáveis as fantasias desenhadas por ele para a coluna *Garotas*. Vestia suas *Garotas* de baiana, palhacinha, nas muitas colunas “*Garotas* e o Carnaval”. Bebidas, namoros e intrigas estavam ainda mais presentes naquelas páginas específicas. No

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

Carnaval, as colunas ficavam repletas de bebidas e festas, no mês de abril as dietas eram deixadas de lado. A Páscoa era sempre contemplada com ovos de chocolates e fantasias de coelhinhos.

No mês de maio, editavam-se, principalmente, colunas referentes ao casamento. O namoro era mais explorado pelos autores e pelo desenhista das *Garotas* no mês do dia dos namorados. Nas colunas sobre namoros e casamento pode-se perceber que, se solteira, a mulher poderia se comportar como moderna, inovadora e ousada; casando-se, essa realidade mudaria. A etapa máxima da vida de uma *Garota* do Alceu era o casamento, pois a partir do momento em que uma *Garota* se casava, ela não mais ilustraria a coluna de Alceu Penna. As mulheres casadas e sua vida de “rainha do lar” estampavam as colunas consideradas mais tradicionais da revista, *Da mulher para a mulher, Lar Doce Lar*. A diferença de padrões e condutas entre as colunas femininas de *O Cruzeiro* estavam baseadas notadamente na faixa etária e no estado civil de suas leitoras e de suas personagens.

As festas de São João marcavam uma dita brasilidade nas colunas. Vestidos estampados, rendados e coloridos eram cuidadosamente traçados e coloridos. Dentro das festas juninas estava sempre presente a festa de Santo Antônio juntamente com simpatias e pedidos para arrumar um marido, de preferência, um bom partido.

Em grande parte dos finais de ano, nos meses de dezembro e janeiro a revista *O Cruzeiro* presenteava seus leitores com as famosas folhinhas, os calendários ilustrados com *As Garotas* do Alceu. A utilização de *pin-ups* na ilustração de calendários é praticamente inerente ao nome da ilustração. De maneira geral, estas garotas grudadas na parede apresentavam-se em poses mais sensuais e provocativas.

Da imagem e do texto – a coluna entre traços e letras

A coluna *Garotas* sempre esteve diretamente associada ao nome de Alceu Penna. Ele era o pai daquelas bonecas de papel. Era ele quem, através de seus traços e suas cores, dava vida às personagens. Antes de serem as *Garotas de O Cruzeiro*, elas eram *As Garotas do Alceu*. Em inúmeros relatos escritos acerca da coluna, encontram-se as bonecas diretamente relacionadas ao nome de seu desenhista:

“No dia dos namorados, Silvino dá a Cláudia a primeira prestação de uma máquina de costura. Todo mundo estranha o presente, mas Cláudia acha a ideia genial”. Era assim que começava um dos textos que ilustravam “As garotas do Alceu”. Nunca soube quem era Alceu Penna, mas era apaixonado por aquelas garotas que apareciam nas páginas de *O Cruzeiro* toda semana. Sonhava com elas, viajava com elas em piqueniques nas montanhas de Minas Gerais. As garotas do Alceu eram tudo. Tinham a cintura de pilão e usavam vestidos de alpaca rodados e coloridos. As garotas do Alceu andavam com óculos de gatinho e rabo-de-cavalo. Eram loiras e morenas, todas elas muito alegres. Viviam rindo da vida boa que levavam aquelas Polianas. Um dia sonhei que estava me casando com uma garota do Alceu. Ela vestia um vestido branco com uma cauda enorme e segurava um buquê de flores cor-de-rosa e verde. De repente acordei (VILLAS, 2006: 260-261).

O trecho fora escrito num livro de memórias acerca das décadas centrais do século XX. O autor Alberto Vila escreve sobre a coluna de uma maneira romântica e quase que nostálgica. Assim foram basicamente todas as colocações e escritas que encontrei sobre a coluna. Homens e mulheres lembram-se hoje das personagens de Alceu quase como um conto de fadas. Associam-nas com lindas imagens de bonecas, divertidas e um pouco travessas. Destacam sempre seu figurino moderno para a época. Mas, sobretudo, quando se lê ou escuta falar delas vem o nome de Alceu.

Dentre versos e prosas, dentre tantos autores, os desenhos foram sempre de Alceu Penna. O elemento de destaque, o elemento que torna famosa a coluna, não é seus textos, mas sim seus desenhos. Outro fator determinante para esta primazia da imagem diante do texto foi que a coluna era, antes de tudo, desenhada e os textos eram adicionados posteriormente.

Entre os traços e letras. Entre textos e imagens. Entre ilustrador e escritor. Assim eram compostas aquelas duas páginas semanais. A coluna *Garotas* entre o ver e o ler. Dos arranjos e das distribuições de traços e letras. Ilustrações que davam vida, cor e movimento aos textos. Textos que faziam com que as bonecas falassem. Textos que alegravam, que davam um toque de humor ao traço encantado de Alceu Penna. A coluna estudada foi – e ainda é – bastante lembrada por seus encantadores desenhos, mas eles não vinham sozinhos. Vinham acompanhados por versos e prosas. Essa simples e antiga associação entre letras e imagens também se fez presente na coluna. Páginas situadas entre dois mundos. Das *polianas* ao mundo do visível. Das suas falas ao mundo do legível. Diferentes formas, diferentes mundos: uma coluna.

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

Entre visível⁹ e o legível:

Entretanto, ainda que simples figura de linguagem ou abuso de termo, não deixa de ser verdade que uma página escrita é, por um lado, leitura e, por outro, quadro e visão; o legível e o visível têm fronteiras e lugares comuns, superposições parciais e imbricações incertas (MARIN, 2001: 19).

Assim, Louis Marin tece interessantes considerações sobre como a problemática do termo leitura relaciona-se à problemática da imagem visual. O texto, antes de ser legível, é visível. Primeiro vemos um texto e, somente depois disso, deciframos seu código de escrita. A palavra escrita não veio substituir a imagem. Ambas as formas de expressão vêm, há muito tempo, coexistindo de forma harmoniosa. Texto e imagem apresentam uma longa convivência. Essas duas histórias, ou melhor, essas duas formas de registros históricos, confundem-se. Por isso, analisa-se a coluna *Garotas*, dentro desta perspectiva, dentro deste embaralhado de traços e letras.

Os textos vinculados à coluna *Garotas* não se apresentavam como explicação do material desenhado. Os textos apresentavam-se como complementares às imagens. As pesquisas realizadas visualizam que, no decorrer do tempo de publicação da coluna, mesclaram-se os termos ilustração e desenho para referir-se às imagens.

As imagens, no caso da coluna estudada, precediam aos textos, na confecção da coluna. Algo nada corriqueiro. O convencional era o contrário. Usualmente as imagens funcionavam, e de certa forma ainda funcionam, como adorno do texto. Era assim com as iluminuras dos textos medievais, nos códices gravados pela prensa e posteriormente ilustrados. Era assim na imprensa brasileira de meados do século XX. As ilustrações eram feitas depois da escrita da coluna. No entanto, acredito que, no caso da coluna *Garotas*, esta norma tenha se invertido pelo fato de os desenhos de Penna “comandarem” aquelas duas páginas. Não que os textos possam ser considerados menos importantes, mas, de fato, apresentavam-se como elemento de menor destaque na coluna. Deste modo, podemos

⁹ Neste trabalho separa-se o visível e o legível tal como defendera o historiador da arte Louis Marin (2001). Utilizo a noção de legibilidade do texto, e a de visibilidade da imagem, assim como Louis Marin. Tal qual o historiador também acredito que entre textos e imagens existem fronteiras e lugares comuns. E é sobre essas fronteiras e esses lugares que pretendo tecer considerações nesta parte de minha narrativa histórica. Existem outras correntes teóricas, entre elas as de autores como Wolfgang Iser e Martine July que acreditam que uma imagem pode ser lida.

considerar que o caráter ilustrativo na coluna *Garotas* não eram das imagens e sim dos textos.

Dos autores – quem as faziam falar

Dentre os muitos versos e prosas contados pelas *Garotas* estiveram presentes diversos mais autores. Eles foram vários, principalmente até o ano de 1946. Após tal data, A. Ladino que escreveu os textos por 11 anos e Maria Luiza por sete anos. De tal feita, A. Ladino e Maria Luiza figuram como os principais autores daquelas histórias. No entanto outros também fizeram as bonecas de Penna falar, alguns com maior, outros com menor participação.

Millôr Fernandes assina os textos da coluna em dois momentos. O primeiro com o próprio nome Millôr, e o segundo sob o pseudônimo de Vão Gôgo. Os textos aparecem pela primeira vez com a assinatura de Millôr Fernandes no ano de 1941. Em 18 de abril daquele ano na coluna *Mais um “test” das Garotas*, ele teria feito sua inauguração na voz das personagens. Aquelas primeiras colaborações apresentaram-se de forma bastante intervalada. O seu nome era mesclado aos de Milton Brandão, Maurício Cunha, João Velho e, principalmente, ao nome do próprio Alceu Penna. A partir de 1944, Millôr Fernandes passaria a assinar as colunas como Vão Gôgo e seus textos se mesclariam com os assinados por Alceu Penna.

Valendo-se da inflação, algumas garotas fugiram do calor carioca e foram beber em Paris. A grande metrópole curvou-se para recebê-las. E elas se apressaram a conhecer os mais famosos lugares de Paris. “Gaffes”, “boulhedes”, risadas a qui-pois-quou.

Mas as garotas se divertiram muito. Porque, afinal, elas queriam é confusão (PENNA, 1947: 22-23).

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS



Imagem 2 – *Algumas Garotas em Paris*. Revista O Cruzeiro de 22 de fevereiro de 1947, ano XIX, nº18, p. 22 e 23. Acervo: Biblioteca Pública Estadual Luiz Bessa – Belo Horizonte/MG

Assim começou uma das muitas colunas *Garotas* escritas pelo seu também desenhista Alceu Penna – aquele que também fora responsável pelos textos, de maneira bastante intervalada, do ano de 1938 até o ano de 1947. *Algumas Garotas em Paris* seria a segunda coluna de uma série que marcaria uma longa viagem realizada por Alceu para a Europa. Da edição da revista do dia 15 de fevereiro de 1947, com a coluna *Soyez les bien venues Garotas*, até a coluna de 5 de julho daquele mesmo ano, as colunas *Garotas* passavam-se entre França, Suíça, Itália e Portugal. Nos momentos em que ilustrador realizava suas viagens ao exterior, os textos eram, em sua quase totalidade, assinados por ele próprio.

Até o ano de 1942 os textos da coluna foram, de maneira geral, divididos entre Alceu Penna e Lyto – pseudônimo utilizado por Accioly Netto. O então diretor da revista assinava os textos da coluna desde 31 de dezembro de 1938. Accioly Netto relata ter sido dele o pseudônimo de Lyto. “No princípio o texto dos diálogos era feito por mim, sob o pseudônimo de Lyto. Depois, passaram a ser feitos por Millôr Fernandes. Mais tarde, o texto seria assinado também por Edgar Alencar e por Maria Teresa Castelo Branco” (NETTO, 1998: 126). No entanto, Accioly Netto não esclarece que todos esses nomes que assinaram a coluna até o ano de 1946 foram mesclados a outras autorias. Em especial ao do desenhista.



Imagem 3 – *Garotas fans de cinema*. Revista O Cruzeiro de cinco de julho de 1941, ano XIII, nº36. p. 20 e 21. Acervo: Biblioteca Pública Estadual Luiz Bessa – Belo Horizonte/MG

GRANDE DECEPÇÃO

- Ora, tive uma grande decepção no mês passado! Imagine que estava amando um rapagão bonito, de boas roupas, bem falante que me dizia trabalhar no cinema!
- E era mentira?
- Não. Trabalhava mesmo num cinema, mas era porteiro...

O ÚNICO QUE FALTA

- Aqui, onde me vês, sou um verdadeiro cinematográfico. Atributos físicos e intelectuais não me faltam. No entanto aquela sirigaita ficou com o meu papel em “O Pirata”. O que é que ela tem que eu não tenho?
- Ora, minha filha – uma coisa muito importante... bom estômago” (LYTO, 1941: 21-22).

Os textos de Accioly Netto caracterizaram-se pelo bom humor e pela leveza. Na coluna *Garotas fans de cinema*, as personagens ora relatam a decepção amorosa em virtude da posição socioeconômica de um namorado ora queixam-se de filmes que em que deixaram de participar. Os textos em forma de diálogo constituíram-se como particularidade da coluna.

Entre 1950 e 1964, a coluna *Garotas* teve textos de A. Ladino e Maria Luiza. A. Ladino, era o pseudônimo de Edgar Alencar. Segundo as palavras do então diretor da revista “(...) A. Ladino, um jornalista de muito talento, primava por um humor juvenil, mas agradável.” (NETTO, 1998: 82). O autor iniciara sua contribuição nos textos que davam voz às *Garotas* no ano de 1946, mais exatamente na edição de 3 de agosto daquele ano. As

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

Garotas dando bola... fora a primeira coluna assinada pelo autor. A participação de A. Ladino na coluna estudada perduraria anos – fora o autor que permaneceu mais tempo produzindo aqueles textos. Só abandonaria a coluna em 1957. Os textos assinados por ele durante esses 11 anos caracterizavam-se por versos simples, leves e muito bem humorados. Eram versos com uma maldade quase que ingênua. Suas palavras e colocações eram ligeiramente descontraídas.

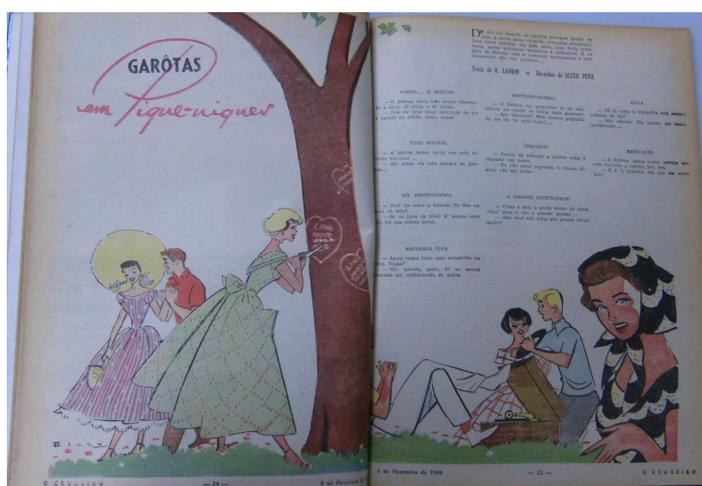


Imagem 4 – *Garotas em Pique-niques*. Revista *O Cruzeiro* de seis de novembro de 1948, ano XXI, nº3, p.34 e 35. Acervo: Biblioteca Pública Estadual Luiz Bessa – Belo Horizonte/MG

(...) TUDO NORMAL

- A Marisa bebeu tanto que está dizendo asneiras!
- Ah então ela está sempre de pileque...

MÁ OBSERVADORA

- Você viu como Iolanda fez feio na hora da bóia?
- Só na hora da bóia? É porque você não viu nas outras horas (...) (A. LADINO, 1948: 35).

Na coluna *Garotas em Pique-niques* publicada na edição da revista *O Cruzeiro* de 6 de novembro de 1946, temos um exemplo dos versos escritos por A. Ladino. Eram versinhos com um tom ingênuo, mas nos quais as *Garotas* falavam mal de outras *Garotas*. Eram colocações acerca do excesso de bebidas. Podemos perceber que questões acerca do mau comportamento e a falta de civilidade sempre se faziam presentes nos versinhos de A. Ladino. No entanto, tais colocações eram feitas de forma muito bem humorada e não chegava a ser um conselho de forma rígida.

A partir do ano de 1957 até a última edição da coluna *Garotas* em 29 de agosto de 1964 os textos ficaram a cargo de Maria Luiza. A diferença na forma como o texto era escrito e seu conteúdo alteram-se substancialmente com a troca de assinaturas, apesar de as imagens não sofrerem alteração alguma. Enquanto a participação de A. Ladino era marcada por um texto leve em forma de versos rimados, Maria Luiza escreve em prosa, de forma um pouco mais seca. A primeira e única mulher ao assumir a coluna é também responsável pelo tom mais conservador a que lhe fora dado no mesmo ano de 1957.

Segundo Antônio Accioly Netto a substituição do redator da coluna aconteceu em virtude da interferência de Amélia Whitaker, que era filha do banqueiro paulista José Maria Whitaker e mulher de Leão Gondim, primo de Chatô. A chamada Dona Lili (apelido de Amélia Whitaker), era considerada extremamente conservadora, o que gerou muitas mudanças nas páginas da revista ilustrada.

É notório que o jornalista Accioly Netto não simpatizava com a figura de Amélia Whitaker, nem com suas medidas em *O Cruzeiro*. Entre simpatias e antipatias, o texto da coluna tornara-se sim mais normativo no punho de Maria Luiza. A coluna modificou-se consideravelmente, as normativas tomaram tom e forma de conselhos muito mais rígidos. As regras de comportamento tornaram-se explícitas e por vezes foram até sistematizadas.

- 1- As casas das famílias dos “teenagets” devem ser o palco de suas festas. A presença de “chaporones” é aconselhável.
- 2- Nessas festas não devem ser servidas bebidas alcoólicas. Nada de meia-luz! Iluminação forte.
- 3- Os menores de 18 anos não podem fumar.
- 4- O automóvel só será dirigido por quem tiver habilitação.
- 5- Os jovens devem obedecer estritamente à hora estabelecida para entrar em casa.
- 6- O orçamento da família deve ser discutido por pais e filhos e elaborados em conjunto.
- 7- Os filhos devem informar aos pais e os pais aos filhos, do lugar onde se encontram quando saem de casa (BRANCO, 1958: 101).

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO: DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS



Imagem 5 – “Código” das Garotas. Revista O Cruzeiro de 19 de abril de 1958, ano 1958, nº26. p.100 e 101.
Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre/RS.

Como consta na coluna acima, as próprias temáticas da coluna passaram por uma notória transladação. Agora em prosa a coluna adquirira tons mais rígidos. Na edição de 19 de abril de 1958 circulou a coluna “Código” das *Garotas* cujos textos marcam-se pela normativa de comportamento. Tais códigos teriam sido escritos por uma austera publicação inglesa para uso de adolescentes. Foram listados sete códigos, segundo a própria coluna – severos para feitos por adolescentes e para serem cumpridos pelos próprios. Dentre estes códigos, o cinco primeiros seriam rígidos códigos sobre festas de adolescentes em casa.

As duas últimas normativas acabam por aliviar um pouco os códigos e tornar a coluna mais bem humorada. Mesmo assim ela é bastante rígida se comparada às colunas compostas pelos antigos versos. Com as prosas de Maria Luiza, a coluna passa a trazer normas sobre presentes de natal, sobre o caminhar, sobre as vestimentas de praia. No ano de 1964, ela sai das seções de humor. As *Garotas* do Alceu passariam a localizar-se na nova e intitulada seção para jovens. Seja na seção de humor ou na seção para jovens a coluna continuava incumbida do comportamento de suas jovens personagens – ora menos, ora mais conservador.

Do fim – e de suas versões

Entre 1938 e 1964, em meio às mais de cem páginas da grandiosa revista *O Cruzeiro*, duas eram sempre muito divertidas e coloridas. Faziam rir e relaxar o leitor e a

leitora de *O Cruzeiro*. Eram as páginas ocupadas pelas *Garotas* do Alceu. Páginas sempre compostas por divertidas historietas e lindas figuras de jovens mocinhas. Páginas que, além de risadas, traziam o comportamento daquelas que eram consideradas as “novas jovens”.

A coluna cessa suas publicações no periódico no ano de 1964. Muitas são as versões acerca de seu fim. Alceu Penna, pouco antes de falecer, acreditava que as *Garotas* pararam de circular porque estavam fora de moda e haviam sido substituídas por outras de carne e osso, dançarinas, calistênicas de discotecas, com tendências nudistas, dos programas de televisão. Lembremos que ele sempre desafiou o moralismo para dar liberdade às formas de seus desenhos e das próprias mulheres, e só não foi mais ousado porque a censura não permitiu.

Segundo Gonçalo Junior as *Garotas* desaparecem das páginas de *O Cruzeiro*, devido ao processo de falência sofrido pelo periódico, já, em 1964. E, de fato, este processo existia. Na década de 1960, a revista ilustrada já não era mais “a maior e melhor revista” da América Latina. Contudo, as *Garotas* param de circular nas páginas do periódico antes mesmo de Alceu Penna encerrar sua colaboração no impresso. Mesmo após 1964, ele continuou a assinar as colunas de moda de *O Cruzeiro*.

Não devemos atrelar o fim da circulação de uma coluna tão renomada no cenário da imprensa periódica brasileira da época a um único e simples motivo. Vários foram os fatores que favoreceram o desaparecimento da mesma. Não podemos deixar de apontar a visível substituição da ilustração pela fotografia na imprensa periódica do Brasil na segunda metade do século XX, esta substituição é marcante principalmente no que tange à moda. A imagem fotográfica é considerada mais real, mais possível. Tanto que, em 1963, as colunas de moda de Alceu Penna não são mais ilustradas, elas vinculam fotografias a textos de Alceu Penna.

As belas e divertidas *Garotas* de *O Cruzeiro* encantaram e envolveram seus leitores e leitoras por quase 28 anos. E, de repente, desapareceram... A imprensa da época já não era mais a mesma. As fotografias, cada vez mais coloridas e perfeitas, começaram a ocupar as páginas antes reservadas às ilustrações e às *Garotas* do Alceu.

Como escreveu Ziraldo, as *Garotas* tinham vida própria. Alceu praticamente desaparecia por trás de suas lindas criaturas. Elas ganharam forma pelas pinceladas de Alceu e vida pelos seus leitores e leitoras. Tanto que, muitas meninas da época,

AS GAROTAS DO ALCEU, AS GAROTAS DE O CRUZEIRO:
DA COLUNA, DE SUAS IMAGENS E DE SEUS TEXTOS

consideravam-se uma *Garota* do Alceu. E muito mocinhos, genros de Penna. Alceu de Paula Penna conseguiu encantar e fazer sonhar muitos homens e mulheres daquele período. Suas imagens produziram crenças, eram quase mágica.

Referências

Periódicos

O Cruzeiro, 19 de novembro de 1938, no XI, nº 3.

O Cruzeiro, 22 de fevereiro de 1947, ano XIX, nº18,

O Cruzeiro, 5 de julho de 1941, ano XIII, nº36. p. 20 e 21.

O Cruzeiro, 6 de novembro de 1948, ano XXI, nº3, p.34 e 35.

Bibliografia

ARASSE, Daniel. *On n'y voit rien*. Description. Paris: Gallimard, 2013.

BASSANEZI, Carla B. e URSINI, Lesley B. O Cruzeiro e as Garotas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, 1995.

BUSZEK, Maria E. *Pin-ups Girls: feminism, sexuality, popular culture*. Durham: Duke University Press, 2006.

CAMPOS, Daniela Q. *A civilidade entre traços e letras: preceitos de civilidade na coluna Garotas do Alceu*. 2007. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

CAMPOS, Daniela Q. *Espectros de anos dourados: imagem, arte, gráfica e civilidade na coluna Garotas*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CAMPOS, Daniela Q. *Entre o anacronismo e o eucronismo: percepções da imagem na coluna Garotas*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FAVRE, Camille. La pin-up US, un exemple d'érotisme patriotique. *CLIO. Histoire, Femmes et Sociétés. Écrire au quotidien*. n. 2012.

FAVRE, Camille. *La pin-ups et ses filles: histoire d'un architype érotique*. 2007. Mémoire (Maîtrise Universitaire) – Université Toulouse Le Mirail, Toulouse, 2007.

DANIELA QUEIROZ CAMPOS

FORNAZARI, Luciana. *Gênero em revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós guerra*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GONÇALO JUNIOR. *Alceu Penna e as garotas do Brasil: Moda e imprensa – 1933/1980*. São Paulo: CLUQ – Clube dos Quadrinhos, 2004.

MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio. Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARINS, Louis. *Sublime Poussin*. São Paulo: Edusp, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

NETTO, Accioly. *O império de papel. Os bastidores da revista O Cruzeiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1980,

PENNA, Gabriela O. *Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte) – Centro Universitário SENAC, São Paulo, 2007.

PIPER, Rudolf. *Garotas de papel: História da pin-up brasileira em 170 ilustrações*. São Paulo: Global Editora, 1976.

RAINHO, Maria do C. T. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998.

VILLAS, Alberto. *O mundo acabou!* São Paulo: Editora Globo, 2006.

ZIRALDO. Texto de apresentação do catálogo da exposição “As garotas do Alceu”. Belo Horizonte: Palácio das Artes, julho de 1983. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/grandesnomes/alceu/garotas.htm>

Data de recebimento: 20/01/2016

Data de aceite: 20/04/2016